

O Trabalhador

QUINZENÁRIO

O cinquentenário da «Rerum - Novarum»



Rev. Dr. Abel Varzim
Director do Secretariado Económico-Social

Damos a seguir na íntegra a exortação que o nosso querido amigo rev. Dr. Abel Varzim proferiu na solene sessão de encerramento da «Festa Cristã do Trabalho» realizada no Pórtico no dia 18, e a que noutra lugar nos referimos.

Todos aqui viemos com sacrifício. Logo trouxe-nos aqui a Fé!

Cinquenta anos se passaram desde que Leão XIII advertiu os homens da miséria que os esperava, se não opressem o regresso a uma vida novamente cristã. Não o quiseram ouvir os povos nem as nações. E o Cinquentenário da sua imortal encíclica é celebrado num cenário de tragédia. Verdaderamente em paz conserva-se aquela Nação que, embora tarde, adoptou no seu Estatuto de Trabalho Nacional os princípios salvadores da «Rerum Novarum»: Portugal!

Este facto, vulgarmente atribuído à habilidade diplomática dum chefe esclarecido e prudente, não é apenas o resultado dum política de ocasião, mas, antes de tudo, é o fruto dum pensamento realizador que soube traçar à Nação portuguesa o caminho da união e da paz, nos princípios fundamentais por que actualmente se rege.

Para que Portugal pudesse aspirar à paz era necessário que, primeiro, vivesse em paz.

Isso se tentou fazer e se procura concluir.

Os operários cristãos vieram aqui para afirmar de maneira solene à Nação que querem a paz social. Com Leão XIII, repudiam a luta de classes. Com Leão XIII, proclamam a força vivificadora de entendimento entre patrões e operários, entre capital e trabalho.

Cristãos como são, aqui vieram para declarar, publicamente, que deixou de ser palavra vã para eles o preceito de Cristo: *amai-vos uns aos outros*. Este amor querem realizá-lo, este amor querem que seja a norma orientadora de toda a sua actividade.

Com eles estão aqui patrões e, o que é mais, representantes de muitos patrões. A mão que estes operários vos estendem crede que é sincera e amiga. E a mão dum irmão vosso, mais pobre e mais rude, mas dum irmão. Estendei-lhe também o vosso mão.

A Igreja está aqui presente para testemunhar e garantir deste pacto nacional de paz. E a Igreja não faltará à sua Missão!

Se defende e conforta os fracos e os pobres, é porque eles são a porção mais querida do seu rebanho, é porque eles são os mais íntimos amigos do seu divino chefe: Jesus Cristo, operário como eles e como eles pobre também. Nem receeis o calor que toma na sua defesa. A Igreja é mãe e a todos os homens quiere como a filhos. Não pode sofrer o seu coração ver uma parte deles no desespero dum vida que pode ser princípio e causa de morte.

Nem receeis que estes operários, e todos quantos nêles aqui estão representados, falem à sua promessa de paz. Se vieram aqui, é porque têm a consciência de que são capazes de cumprir. Os operários cristãos, aqueles que desejam seguir as Encíclicas sociais, são já uma força, já têm quadros organizados. E mais de que todos os outros, têm uma Fé e, com ela, a graça de Deus que não pode ser vencida!

Não receeis, patrões de Portugal! Poderéis julgar que ainda são poucos para falar em nome de todos. Mas êles serão cada vez mais, porque a força que os anima é a mais forte de todas as forças, porque é a força de Deus.

A Acção Católica, que promoviu esta solene comemoração, trouxe a Portugal coisas novas. No meio destes operários e operárias, há almas de eleição, há almas de santidade, fermento irresistível que há-de levar toda a massa.

São êles — essas almas de pureza — quem há-de destruir o materialismo deste século que fez do homem um escravo da matéria. São êles quem — vingando os direitos do espírito — dará ao mundo de trabalho a consciência da sua dignidade.

Nas fábricas, nas oficinas, nas ca-

ternas, nos campos, nos escritórios, já há muitos operários que começam o seu trabalho pela oração: «Meu Senhor Jesus Cristo, oferece-Vos o meu dia inteiro: O meu trabalho, as minhas lutas, as minhas alegrias e as minhas penas»...

Em muitos locais de trabalho Jesus-Operário está com êles, recolhendo os seus suores e o seu esforço, e a pena de se verem tão mal pagos e compreendidos, e oferecendo-os ao Eterno Pai pelo resgate do mundo, pela salvação da classe operária, pela fraternidade entre os homens.

Além dum mundo outro mundo surge e o mundo novo são êstes quem o fará! Há 40 anos, proclamou Leão XIII que a sorte da classe operária seria resolvida pela razão ou sem ela e que não poderia ser indiferente às Nações que o fosse dum modo ou doutro.

Os que aqui vieram já decidiram da sorte da classe operária. E vieram para o dizer.

Não pode a Nação ficar indiferente perante a força moral e espiritual dos que decidiram resolver da sua sorte, segundo os conselhos de Leão XIII.

Êles sabem que foi a Igreja que proclamou, de todos os tempos, a dignidade do seu trabalho e o valor do seu esforço. Êles sabem perfeitamente que, enquanto a Igreja foi a orientadora dos povos, a sua vida era respeitada. Nenhuma das reivindicações que hoje se fazem nem nenhuma das regras já conquistadas são coisas novas.

O horário de trabalho era mais livremente aceite e respeitado outrora. A semana chamada inglesa foi sempre, na Idade Média e nas Corporações, princípio elementar de trabalho. Com os dias santos, que então se guardavam, não passavam de 280 os dias de trabalho anual. Havia o respeito da saúde, da vida, do descanso e do salário do trabalhador.

(Continua na 4.ª página)

IMPRENSA

Transcrições

O nosso colega de imprensa «O Comércio de Gaia», deu-nos a honra de transcrever e comentar com palavras amáveis, o primeiro dos artigos da série «O Conto».

Os nossos agradecimentos.

Deu-nos também a honra de transcrever o nosso artigo «O Trabalho ao Domingo», o nosso prezado colega «Notícias de Beja». Os nossos agradecimentos.

Deu-nos a honra de transcrever parte do artigo «A Magna Questão Actual», da autoria do nosso prezado colaborador *Santa Clara*, o nosso colega «O Distrito de Portalegre».

No seu número de 9 de Maio, «Jornal da Beira», transcreve parte de um artigo do nosso jornal sobre o Cinquentenário da «Rerum Novarum».

Os nossos agradecimentos.

O nosso Aniversário

O nosso colega «Eco do Funchal» refere-se com palavras amigas ao nosso aniversário.

Os nossos agradecimentos pelos votos de prosperidade e pelas palavras de incentivo que nos dirigiu, a-fim-de-continuarmos sempre a pelear pela causa que abraçamos.

— Ao nosso colega «A Voz», os nossos

agradecimentos pelas referências ao nosso aniversário e pelos votos de prosperidades.

Também o diário católico «Novidades» se referiu ao nosso aniversário historiando a nossa acção nestes 7 anos.

Os nossos penhorados agradecimentos, com a promessa de que sempre nos esforçaremos para não traír a esperança que tantos põem em nós.

No seu último número referia-se o nosso colega «O Trabalho Ferroviário», órgão do Sindicato Nacional dos Ferroviários do Sul de Portugal, à comemoração do 50.º aniversário da Encíclica Social «Rerum Novarum», publicando a circular enviada pelo «Secretariado Económico-Social, organizador da comemoração».

O diário católico «Novidades» dedicou, no dia 15 do corrente, grande parte das suas colunas ao imortal Pontífice Leão XIII e teve a amabilidade de fazer larga referência ao número especial do nosso jornal.

Ficamos muito sensibilizados.

HOMENAGEM AO CHEFE DO GOVERNO

Porque o nosso número passado foi totalmente consagrado à homenagem a Leão XIII, a propósito da passagem do 50.º aniversário da publicação da Encíclica «Rerum Novarum», não pudemos fazer referência à grandiosa e impressionante homenagem que o povo português prestou a Sua Excelência. O Doutor Oliveira Salazar, por ocasião da passagem do seu aniversário natalício.

E' tarde de mais para vir agora descrever o maior e o mais entusiástico preito de gratidão que jamais um chefe de governo português recebeu do povo.

Limitamo-nos, por isso, a transcrever aqui as palavras de conforto que Sua Excelência dirigiu à Nação e a Fé que por elas lhe comunicou.

«O Trabalhador» curva-se reverente perante o espírito brilhante de quem tem a honra de conduzir a Nação pelos caminhos da Paz, poupando assim a todos, mas sobretudo aos operários — que são sempre os que mais sofrem — tantas lágrimas e sofrimentos.

Sequem as palavras do Chefe do Governo:

«A todos os que lembraram, apoiaram ou viveram esta grandiosa manifestação; aqueles que, abandonando ocupações e trabalhos, vindo da longe ou de perto mas com incómodos e sacrificios, quiseram marcar a sua presença ou, não podendo fazê-lo, estão em espírito conosco; aos que por todo o País, nos ilhas ou no vasto Império, neste mesmo dia, levantaram os olhos por momentos do que é transitório ou efêmero na vida e serenamente os volveram para o que é perece na Pátria; a todos quantos, dominados por sentimentos de simpatia ou de dedicação, por imperativo da consciência, pela compreensão reflectida ou simples intuição das necessidades nacionais, por êste ou aquêlle caminho trouxeram seu contributo de afecto, de apoio, de solidariedade, de confiança — a todos dirijo a expressão mais sincera do meu agradecimento».

E faça-o por dois motivos: primeiro, por aquela parcela de afectividade pessoal que se quis emprestar a esta manifestação e que mesmo aos homens cumalados de honrarias já mais canso e sempre comove, quando se sente bratar limpa do coração do povo; segundo, porque não se podia esperar nem maior consagração de esforços passados, nem mais seguro alicerce para toda a obra futura, que a unidade viva da Nação.

Temos passado anos a prègar, pela palavra e pelo exemplo, persistentemente, teimosamente, que todos não somos demais para continuar Portugal. Com o alto nível da nossa tradição histórica e as exigências dum herança de pesados deveres para com a nossa gente e para com os outros povos, seria louca tentativa — louca e vã — construir sobre lutas de partidos, dívidas de classes, antagonismos de fortuna ou profissão, divisões em nós mesmos. Nós o havemos compreendido e, sem abdi-

car do sentido da hierarquia necessária à vida social, revelamo-nos como brotos solidários dum comunidade, se funda no mesmo sangue, se alim dos mesmos frutos de trabalho e do mesmo espirito. No trabalho e nos sacrificios, no sofrimento ou na dor, nas alegrias ou nas prèdas da vida individual e colectiva, somos guiados — e salvos — pelo pátrio a reencontrar o elo da solidariedade que devia prender-nos como pedras de um edificio — a sermos mente perante o Mundo todos um só.

E' por um lado nesta já agora frutífera unidade nacional e por outro no valor dos princípios informados da nossa vida material e moral e da ciência dêsse valor que deve repôr a nossa maior confiança.

São certamente grandes as dificuldades dos tempos, e ninguém neste acanhado Mundo qual a paz e os sofrimentos que lhe reserva directamente a tragédia da Europa. Temos conseguido, e, digamos, cuido, viver em tranquilidade na nossa ilha, e temos a certeza de que acompanhamos na nossa conduta a mesma e a mesma solidariedade moral de todos os povos, não seguramente pelo ego-

(Continua na 3.ª página)

O nosso número especial

Esgotou-se, rapidamente o nosso número especial comemorativo do cinquentenário da «Rerum Novarum».

Tiramos mais do dobro de exemplares do que aquêlle nos tinham sido pedidos, tanto já com os que chegaram tarde de mais.

Pois não nos foi possível fazer uma boa parte dos pedidos. Temos imensa pena que não tivesse acontecido, mas a não foi nossa.

Por outro lado, o facto de restarem senão os números dispensáveis para o nosso arquivo, prova o interesse que despertando as doutrinas das Encíclicas.

Ainda bem, pois o caminho para a frente e, neste caso, para a frente é voltar à prática do Cristianismo.

DIRECTOR E EDITOR: MANUEL DA ANUNCIADA SOARES — REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA CAPELO, 52.º. TELEF. 2 8350 e 2 0497 — PROPRIEDADE DA EMPRESA DA REVISTA RENASCENÇA, LDA. — COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA REVISTA «RENASCENÇA», — RUA DA LUTA, 1-C., 1-D. — LISBOA — PORTUGAL

ANO VIII — N.º 170

20 DE MAIO DE 1941

PREÇO

322/2

O cinquentenário da «Rerum Novarum»

(continuação da 1.ª página)

Longe da Igreja, longe de Deus, longe da moral cristã, venceu o egoísmo e a força, e deixou de haver respeito pela saúde, pela vida, pelo salário, pelos direitos humanos dos operários. Por um princípio inteiramente materialista, submeteu-se a vida humana às exigências da matéria ou da economia como se o homem nascesse agora para ser o escravo do dinheiro, depois de ter perdido o trono de rei da Criação.

Contra esta inversão de valores levantou-se a Igreja, proclamando com Leão XIII o primado do homem sobre a matéria, o primado da vida sobre as riquezas, o primado do direito sobre a força, o primado da razão sobre o interesse.

Para restaurar este primado e assim resolver a sorte da classe operária pela razão, escreveu Leão XIII a imortal Encíclica «Rerum Novarum».

Para conquistar este primado, e assim trazer ao mundo do trabalho a esperança duma vida nova, estamos aqui.

De pé, decididos e firmes, altivos e confiantes, vemos a aurora do resgate.

Não trouxemos clarins para ordenar a batalha. Trazemos ramos de oliveira para propor a paz. E trazemos, sobretudo, a Fé, uma Fé imensa na Caridade de Cristo que inflama os nossos corações e que nos dá a certeza de que o nosso trabalho há de ser compreendido e respeitado. Trazemos, sobretudo, a decisão inabalável de pôr em prática o preceito do amor fraterno, com o qual queremos, decididamente, trabalhar pelo maior progresso da Nação, pelo aumento das riquezas em abundância suficiente para que haja pão e alegria em todos os lares. Trazemos ainda um espírito novo com o qual queremos restabelecer a confiança entre patrões e operários, e mais do que confiança, estima e fraternidade, para não

fazermos mais duas classes que se desconhecem ou se detestam, mas uma família que se estima e mutuamente ampara e auxilia.

Não será por culpa nossa que o mundo novo da fraternidade universal tardará em vir. Ele está já em nós, que sofremos com os que sofrem e choramos com os que choram.

Que cada um o restaure em si, compreendendo finalmente que somos as mãos, no sofrimento como na alegria, na abundância como nas privações.

Não temos ilusões sobre a asperidade do caminho a percorrer. Mas os primeiros passos estão dados e já não podemos recuar. Disciplinadamente dentro dos quadros do Estatuto do Trabalho Nacional, dimanação da doutrina de Leão XIII, faremos tudo para tornar mais fácil a tarefa do Estado nestas horas conturbadas e difíceis.

Orientados pela doutrina de Leão XIII guiados pela mão da Igreja — que nunca foi capa de ricos mas agasalho do pobres — e fortes da força de Cristo — Operário, como os nossos irmãos de Catacumbas, havemos de vencer. E assim como eles se houveram com a escravidão, e, mais tarde, com a servidão, assim hoje nos haveremos com oariado em tudo quanto tem ainda de deshumano e anti-cristão.

Na agonia de um mundo perverso que desaparece num mar de sangue e de lágrimas, saudemos quantos sofrem e lutam e construoem, com as suas donas alicerces do mundo novo.

Viva Portugal!

ESTE NÚMERO DE «O TRABALHADOR» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

RE A
DE

ção de nosso pai.
abiliza a existência
nas sociedades, des-
tando e dá aos homens
lo de continuidade e
o amor da pátria e

lizer dos bens su-

o de empregar em es-
uma parte deles. Nos
indica-se uma parte
cordam todos em de-
reção, mas S. Tomás,
diz que «as coisas
superabundância se
natural, ao sustento
como são muitos —
Doutor — os que têm
possível atender a to-
coisa, deixa-se ao ar-
distribuição das suas
em elas socorram os
o lugar, falando do
res, diz que o homem
sais exteriores como
comuns; isto é, de
e as comunique aos

este ponto os Pontifi-
cadas. Leão XIII diz:
que uso se deve fazer
sem titubear respon-
não deve o homem
como próprias, mas
faça, de modo que fa-
a com outros quando

dos em poucas pala-
gerais da doutrina
a propriedade — que
«Rerum Novarum»
pírito os que abusam
que pretendem supri-
ndo-a.

CANTA CLARO

TIÇA SOCIAL IDADE CRISTÃ

tendência cada vez | mente regular e natural um estado de

ximação das vontades e a união do
orações.

Ora todas as instituições que se des-
nam a favorecer a paz e auxílio mútu-
entre os homens, por melhor concebidas
que pareçam, recebem a sua solidão e
bretudo do laço espiritual que une a
seus membros.

Quando este falta, a experiência mostra
que as melhores fórmulas ficam estéril.

Uma verdadeira colaboração de todos
em vista ao bem comum, só se estabe-
cerá quando todos tiverem a intima con-

tr.
ca
a
ai
de
pr
fr
ze
tr
d
de
pi
n
sã
co
ve
ti
ol
fe
fa
v.
pl
se
tu
ve
fa